Opinião Socialista

Ano XII - Edição 329 - Colaboração: R$ 2 - De 28/02 a 05/03/2008 - www.pstu.org.br

LUTA MULHER!

8 DE MARÇO EM DEFESA DA MULHER TRABALHADORA E CONTRA O GOVERNO

A GRANDE FARSA: GOVERNO DIZ QUE DÍVIDA EXTERNA ACABOU

Página 4

CUBA O QUE VEM DEPOIS DE FIDEL?

Página 9, 10 e 11

GM: ATO EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS INICIA CAMPANHA

Página 12

BLEFE 1 – O governo e as centrais sindicais fizeram alarde quanto ao projeto enviado à Câmara dos Deputados que ratifica a Convenção 158 da OIT. A medida acabaria com a demissão imotivada.

PÁGINA DOIS

BLEFE 2 – Mas o governo Lula já disse que nada fará por sua aprovação. O presidente já mandou avisar aos empolgados que não moverá uma palha sequer pelo projeto.

ALAGOAS CONTRA O CRIME

Um protesto público realizado por movimentos sociais de Alagoas contra a corrupção reuniu cinco mil pessoas na capital Maceió. Organizado pelo Movimento Social Contra a Criminalidade (MSCC), o protesto contou com a presença de estudantes, trabalhadores, movimentos pela terra, sindicatos e partidos de esquerda. O MSCC foi formado após a revelação de um escândalo de corrupção no Estado, em que vários políticos desviaram cerca de R$ 280 milhões dos cofres da Assembléia Legislativa. Entre os partidos envolvidos na maracutaia estão DEM, PSDB, PSB, PTB, PTdoB e PMN.

CHARGE / AMÂNCIO

PÉROLA

"Cartão corporativo é a coisa mais decente que foi criada, ainda no governo passado".

LULA
O presidente deve gostar bastante do cartão.
(O Globo, 18/2/2008)

PRIVATIZAÇÃO TUCANA

O governador de São Paulo, o tucano José Serra, anunciou a privatização da Cesp, terceira maior empresa de energia do país. Serra utiliza o mesmo argumento de FHC durante a farra das privatizações: os R$ 6,6 bilhões que a empresa deve render este ano seriam utilizados em investimentos sociais e infra-estrutura. Mais uma mentira de fazer os bicos dos tucanos crescerem ainda mais.

PEDE PRA SAIR

Não é a bossa nova nem a garota de Ipanema. O deputado estadual Flávio Bolsonaro (PP-RJ) propôs que a caveira e o uniforme preto, símbolos do Bope, sejam eleitos "patrimônios culturais" do Rio de Janeiro. Segundo o deputado, a proposta partiu dos próprios soldados do Bope, assustados com a possibilidade de mudança do uniforme. "A farda preta significa muito para eles. Isso mexe com o ego deles", diz Bolsonaro Júnior.

LUXO DO LIXO

Não param de aparecer irregularidades na compra de equipamentos para o apartamento do reitor da UnB, Timothy Mulholland, com dinheiro público. Agora apareceram mais cinco televisões de tela plana, sendo uma delas de 42 polegadas. Entre os gastos elencados na denúncia do Ministério Público contra o reitor estão um "home theather" no valor de R$ 36 mil, telas artísticas de R$ 21 mil e, o mais bizarro, três lixeiras compradas pela bagatela de R$ 2.700.

OPINIÃO SOCIALISTA
é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua dos Caciques, 265 - Saúde - São Paulo - SP - CEP 04145-000
Fax: (11) 5581.5776 e-mail: *opiniao@pstu.org.br*

CONSELHO EDITORIAL Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates "Mancha", Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary **EDITOR** Eduardo Almeida Neto **JORNALISTA RESPONSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555) **REDAÇÃO** Diego Cruz, Jeferson Choma, Marisa Carvalho, Wilson H. da Silva, Yara Fernandes **DIAGRAMAÇÃO** Carol Rodrigues **IMPRESSÃO** Gráfica Lance (11) 3856-1356 **ASSINATURAS** (11) 5581-5776 *assinaturas@pstu.org.br - www.pstu.org.br/assinaturas*

ENDEREÇOS

SEDE NACIONAL

Rua dos Caciques, 265
Saúde - São Paulo (SP)
CEP 04145-000 - (11) 5581-5776

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
sindical@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br
livraria@pstu.org.br
internacional@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - Rua Dias Cabral, 159. 1º andar - sala 102 - Centro - (82)9903.1709 maceio@pstu.org.br

AMAPÁ

MACAPÁ - Av. Pe. Júlio, 374 - Sala 013 - Centro (altos Bazar Brasil) (96) 3224.3499 macapa@pstu.org.br

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823, Centro (92) 234-7093 manaus@pstu.org.br

BAHIA

SALVADOR - Rua da Ajuda, 88, Sala 301 Centro (71) 3321-5157 salvador@pstu.org.br
ALAGOINHAS - R. 13 de Maio, 42 Centro
IPIAÚ - Rua Itapagipe, 64 - Santa Rita
VITÓRIA DA CONQUISTA
Avenida Caetité, 1831 - Bairro Brasil

CEARÁ

FORTALEZA fortaleza@pstu.org.br
CENTRO -Av. Carapinima, 1700, Benfica (82) 254-4727
MARACANAÚ -Rua 1, 229 - Conjunto Jereissati 1
JUAZEIRO DO NORTE - Rua Padre Cícero, 985, Centro

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - Setor de Diversões Sul (SDS)-CONIC - Edifício Venâncio V, subsolo, sala 28 Asa Sul - (61) 3321-0216 brasilia@pstu.org.br

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA - vitoria@pstu.org.br

GOIÁS

GOIÂNIA - R. 70, 715, 1º and./sl. 4 (Esquina com Av. Independência) (62) 3224-0616 / 8442-6126 goiania@pstu.org.br

MARANHÃO

SÃO LUÍS - (98) 3245-8996 / 3258-0550 saoluis@pstu.org.br

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165, Jd. Leblon (65) 9956-2942

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921 Vila Planalto (67) 384-0144 campogrande@pstu.org.br

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE bh@pstu.org.br
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31) 3201-0736
BETIM - R. Inconfidência, sl 205 Centro
CONTAGEM - Rua França, 532/202 - Eldorado - (31) 3352-8724
JUIZ DE FORA juizdefora@pstu.org.br
UBERABA R. Tristão de Castro, 127 - (34) 3312-5629 uberaba@pstu.org.br
UBERLÂNDIA - (34) 3229-7858

PARÁ

BELÉM belem@pstu.org.br
Passagem Dr. Dionízio Bentes, 153 - Curió - Utingá (91) 3276-1909

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391, 1º andar - Centro (83) 241-2368 - joaopessoa@pstu.org.br

PARANÁ

CURITIBA - R. Cândido de Leão, 45 sala 204 - Centro (próximo a Praça Tiradentes)

PERNAMBUCO

RECIFE - Av.Monte Lazaro, 195- Boa Vista - (81) 3222-2549

PIAUÍ

TERESINA - Rua Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO rio@pstu.org.br (21) 2232-9458
LAPA - Rua da Lapa, 180 - sobreloja
DUQUE DE CAXIAS - Rua das Pedras, 66/01, Centro
NITERÓI - Av. Visconde do Rio Branco, 633 / 308 - Centro niteroi@pstu.org.br
NOVA FRIBURGO - Rua Guarani, 62 - Cordueira (24) 2533-3522
NOVA IGUAÇU - Rua Cel Carlos de Matos, 45 - Centro novaiguacu@pstu.org.br
SÃO GONÇALO - Rua Ary Parreiras, 2411 sala 102 - Paraíso (próximo a FFP/UERJ)
SUL FLUMINENSE sulfluminense@pstu.org.br
BARRA MANSA - Rua Dr Abelardo de Oliveira, 244 Centro (24) 3322-0112
VALENÇA - Pça Visc.do Rio Preto, 362/402, Centro (24) 3352-2312
VOLTA REDONDA - Av. Paulo de Frontim, 128- sala 301 - Bairro Aterrado
NORTE FLUMINENSE
MACAÉ - Rua Teixeira de Gouveia, 1766 (fundos) (22) 2772.3151 nortefluminense@pstu.org.br

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL
CIDADE ALTA - R. Apodi, 250 (84) 3201-1558
ZONA NORTE - Rua Campo Maior, 16 Centro Comercial do Panatis II
CURRAIS NOVOS - Rua Candido Mendes, 150, Centro

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE portoalegre@pstu.org.br
CENTRO - R. General Portinho, 243 (51) 3024-3486 / 3024-3409
ALVORADA - Rua Martin Lutero, 1370, Fundos - Vila Formosa - (51) 9284.8807
BAGÉ - (53) 8402-6689 / 3241-7718
PASSO FUNDO - (54) 9993-7180
RIO GRANDE - (53) 9977-0097
SANTA MARIA - (55) 84061675 / 3223-3807, santamaria@pstu.org.br

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 104, Centro (48) 3225-6831 floripa@pstu.org.br
CRICIÚMA - Rua Pasqual Meller, 299, Bairro Universitário, (48) 9102-4696 agapstu@yahoo.com.br

SÃO PAULO

SÃO PAULO saopaulo@pstu.org.br www.pstusp.org.br
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11) 3313-5604
ZONA NORTE -Rua Rodolfo Bardela, 183 V. Brasilândia (11) 3925-8696
ZONA LESTE - R. Eduardo Prim Pedroso de Melo, 18 (próximo à Pça. do Forró) - São Miguel
ZONA SUL - Rua Amaro André, 87 - Santo Amaro
BAURU - Rua Antonio Alves nº6-62 - Centro - (14) 227-0215 bauru@pstu.org.br
CAMPINAS - R. Marechal Deodoro, 786 (19) 3235-2867 - campinas@pstu.org.br
FRANCO DA ROCHA - Avenida 7 de setembro, 667 - Vila Martinho edcosta16@itelefonica.com.br
GUARULHOS - guarulhos@pstu.org.br
Av. Esperança, 733 - Centro (11) 6441-0253 guarulhos@pstu.org.br
JACAREÍ - R. Luiz Simon,386 - Centro (12) 3953-6122
MOGI DAS CRUZES - Rua Engenheiro Gualberto, 53 - Centro - (11) 4796-8630
PRES. PRUDENTE - R. Cristo Redentor, 11 Casa 5 - Jd. Caiçara - (18) 3903-6387
RIBEIRÃO PRETO - Rua Monsenhor Siqueira, 614 - Campos Eliseos (16) 3637.7242 ribeiraopreto@pstu.org.br
SÃO BERNARDO DO CAMPO - Rua Carlos Miele, 58 - Centro (atrás do Terminal Ferrazópolis) - (11)4339-7186 saobernardo@pstu.org.br
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS sjc@pstu.org.br
CENTRO - Rua Sebastião Humel, 759 (12) 3941.2845
ZONA SUL - Rua Brumado, 169 - Vale do Sol
SOROCABA - Rua Prof. Maria de Almeida, 498 - Vl. Carvalho (15) 9129.7865 sorocaba@pstu.org.br
SUZANO suzano@pstu.org.br
TAUBATÉ - Rua D. Chiquinha de Mattos, 142/ sala 113 - Centro

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b Cjto. Orlando Dantas (79) 3251-3530 aracaju@pstu.org.br

EDITORIAL

É HORA DE UNIFICAR AS LUTAS

Uma série de lutas sindicais, estudantis, camponesas e populares está surgindo ou se preparando no país. Mas é necessário unificá-las para que possamos ter vitórias no próximo período.

Por um lado, a mobilização da General Motors de São José dos Campos (SP) deu um exemplo ao conjunto dos trabalhadores de como resistir à investida da multinacional que, mesmo com um recorde na produção e nos lucros, queria reduzir os salários dos operários. Dentro da fábrica, os trabalhadores têm clareza de que a empresa quer reduzir seus direitos. Mas a GM, junto com a prefeitura e a imprensa, quer jogar a população contra o sindicato e os trabalhadores, porque estes estariam "prejudicando o aumento do emprego" na cidade. Cínica e consciente, a patronal quer colocar a redução dos direitos como condição para o "aumento" dos empregos, e ganhar a população para seu lado.

Por outro lado, o movimento contra a transposição do rio São Francisco está se reorganizando depois do fim da greve de fome de dom Cappio. Muitos participantes do movimento, incluindo setores da Igreja, romperam com o governo Lula ao ver a continuidade das obras da transposição e a resistência de Lula em negociar. Mais ainda, estão vendo a tentativa do governo de jogar a população contra o movimento, com o falso argumento de "resolver o problema da seca no Nordeste". Na verdade, o governo vai enriquecer as grandes empreiteiras, fortalecer o agronegócio e não vai resolver o problema da falta de água para a população pobre. Mas o governo tem a seu lado as grandes empresas e a imprensa.

Outros movimentos se articulam, como o plebiscito que os estudantes estão preparando contra o Reuni. Nos CA's e DCE's das universidades federais, uma oposição clara ao projeto de reforma universitária privatizante do governo vem se firmando. As ocupações das reitorias no ano passado contra o Reuni indicaram o repúdio existente. Mas ali também será necessário explicar ao conjunto da população a farsa do governo de que essa reforma é para democratizar o acesso dos estudantes pobres à universidade.

A campanha salarial do funcionalismo nos estados e em nível federal também está em preparação, assim como outras lutas localizadas.

O risco existente é que o governo Lula, pelo apoio que ainda tem entre os trabalhadores, consiga isolar cada uma dessas lutas, jogar a população contra elas e derrotá-las. Em cada uma dessas mobilizações, não vamos lutar contra um setor da patronal, mas contra uma nada santa aliança entre patrões, governo e imprensa.

Por esse motivo é fundamental buscar unificar tudo isso em um plano de lutas e uma plataforma comum, que permita uma mobilização unificada. A Coordenação Nacional da Conlutas se reúne no Rio de Janeiro a partir do dia 29. A Conlutas é a alternativa de direção que surgiu para o movimento diante da falência da CUT e da UNE governistas. É hora de unificar as lutas na Conlutas.

OPINIÃO - *LUCIANA CANDIDO, da Portal do PSTU e da Secretaria de Mulheres do PSTU-ABC*

Campanha da Fraternidade: Igreja vai à ofensiva contra o aborto

No início de fevereiro, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) lançou a Campanha da Fraternidade 2008. O tema é "Fraternidade e defesa da vida".

Por trás de palavras aparentemente vazias, está escondida a campanha contra a legalização do aborto, a eutanásia, a reprodução assistida e as pesquisas com células-tronco. A Igreja resolveu fazer, em pleno século 21, uma campanha obscurantista contra o avanço da ciência e os direitos das mulheres. Na prática, contra a vida.

O centro da campanha, porém, é a questão do aborto. Sua apresentação composta por 54 slides dedica um capítulo inteiro ao tema.

A Igreja não poupa recursos. Numa inserção de TV, aparecem famílias alegres. Numa cena, dois jovens com síndrome de down sugerem que, mesmo com deficiências, as pessoas podem ser felizes e, por isso, o aborto não pode ser realizado em nenhuma circunstância. Essa cena, em particular, visa combater a lei existente de aborto legal em casos de ausência do cérebro no feto, que nada tem a ver com isso!

A Igreja tem razão em se preocupar. Em 2007, a luta pela legalização começou a ganhar fôlego. Apesar de não ter tirado do papel a lei que legaliza o aborto, o governo foi obrigado a debatê-lo.

A visita do papa Bento 16 ao Brasil também não foi o sucesso esperado. Em suas declarações reacionárias, ele defendeu a abstinência sexual e a excomunhão de políticos a favor de leis pró-aborto.

O ministro da Saúde, José Gomes Temporão, chegou a assumir algumas posições em defesa de projetos de legalização sem nunca ter investido um centavo nisso. Com o lançamento da campanha, o governo deixou explícito que não entrará em choque com a Igreja. Um representante de Lula no lançamento disse que o aborto não era assunto do governo. O teólogo petista Gilberto Carvalho disse que "quanto mais informação, mais educação, melhor. É por isso que o governo apóia abertamente essa campanha".

O absurdo no governo não tem limites. Para evitar que mulheres estupradas façam aborto – o que é legal e uma das poucas conquistas das brasileiras –, o governo debate a criação de uma "bolsa-estupro". Caso o projeto seja aprovado, cada mulher violentada que tiver o filho receberá, durante 18 anos, um salário mínimo mensal. Além de ser vítima de um crime hediondo, a mulher é condenada a criar um filho indesejado.

E saúde pública, moradia, saneamento? E salários decentes? É impossível legalizar o aborto se não houver investimento e políticas de orientação sexual e distribuição gratuita de contraceptivos.

Para as mulheres trabalhadoras e pobres, essa campanha é uma ofensa. Falar em defender a vida é hipocrisia quando milhões não têm acesso ao mínimo para viver decentemente e criar seus filhos.

A campanha é um exemplo de que Estado e Igreja andam de mãos dadas no capitalismo. O que importa são os projetos da burguesia, da exploração e da opressão.

Mais do que nunca, é necessária a união das mulheres e da classe trabalhadora para ir contra essa campanha. Defender a legalização do aborto é defender a vida e o direito das mulheres de decidirem sobre o próprio corpo.

A FARSA DO FIM DA DÍVIDA EXTERNA

DÍVIDA PÚBLICA e remessas de lucros aumentam no governo lula

FMI

www.caglecartoons.com/espanol

***DIEGO CRUZ**, da redação*

"O Brasil zerou sua dívida externa e já é agora credor". Foi o anúncio realizado com estardalhaço pelo governo Lula no dia 21 de fevereiro. No entanto, apenas um olhar mais atento basta para ver que o Brasil não se tornou credor dos outros países, nem pagou a dívida externa. Ao contrário do que é dito, a dívida segue existindo e consumindo grande parte dos recursos que iriam para a área social.

Segundo os dados divulgados pelo governo, o total de ativos do país em dólares já supera a dívida externa do setor público e privado. Isso significaria que toda a dívida externa poderia ser paga utilizando apenas as aplicações do setor público e privada no exterior. Só as chamadas reservas internacionais acumulavam US$ 180,3 bilhões no final de janeiro. O total de ativos do país teria superado, assim, o valor da dívida externa em U$ 4 bilhões.

SAIBA MAIS

O QUE É DÍVIDA EXTERNA

A dívida externa são os compromissos assumidos pelo governo e empresas aqui instaladas com bancos e investidores estrangeiros, em dólar principalmente. No caso da dívida externa pública, é uma espécie de empréstimo que o governo faz, emitindo títulos em que incidem os juros da taxa básica de juros.

Já a dívida interna é aquela contraída pelo setor público através da emissão de títulos em real. Investidores estrangeiros compram títulos da dívida interna, em real e, com a desvalorização do dólar, lucram duplamente. Tanto pela valorização do real quanto pelos juros extorsivos. Quanto mais dólares entram no país, mais ele se desvaloriza frente ao real e mais os especuladores ganham.

DÍVIDA EXTERNA X DÍVIDA INTERNA

A informação que os jornais relegavam em segundo plano, no entanto, é a chave pra entender a manobra realizada pelo governo. A política do governo Lula foi de trocar a dívida pública externa pela interna. Desta forma, enquanto alardeia o fim da dívida externa, a dívida interna do país está a inacreditáveis R$ 1,2 trilhão, ou 65% do PIB, o valor de tudo o que o país produz em um ano.

Os títulos da dívida interna emitidos pelo governo são mais caros e de prazos mais curtos. O governo paga aos títulos da dívida interna juros de 12,8% ao ano, maiores que a taxa básica de juros, a selic, atualmente em 11,25%. Desta forma, a dívida só aumenta. Em dezembro de 2006 era de R$ 1,092 trilhão. Doze meses depois somava R$ 1,224 trilhão. A dívida pública total, interna e externa, estava em R$1,311 trilhão em janeiro deste ano. Só em 2008 vencem R$ 400 bilhões em títulos da dívida.

Isso significa que, ao contrário do discurso do governo, os gastos com a dívida aumentam cada vez mais. Só em janeiro, o Brasil pagou nada menos que R$ 13,4 bilhões de juros da dívida. Para se ter uma idéia, o Projeto de Lei Orçamentário para 2008 prevê R$ 12,7 bilhões para a educação durante todo o ano. O valor pago com juros só em janeiro também é maior que todo o orçamento do Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome, responsável pelo Bolsa Família, de R$ 13,2 bilhões.

Não por acaso, o anúncio de que o país se tornara "credor" foi realizado em meio à crescente crise financeira e econômica que se espalha no mundo a partir dos EUA. O esforço é apresentar o Brasil como uma ilha de tranqüilidade imune aos efeitos da crise, alcançando o chamado grau de investimento (investiment grade), espécie de selo de qualidade concedido pelas agências internacionais de classificação de risco aos países bons pagadores de suas dívidas.

RESERVAS INTERNACIONAIS

Um dos principais feitos do governo, segundo a propaganda maciça desencadeada nos últimos dias, refere-se às chamadas reservas internacionais. Ela serviria para conferir tranqüilidade aos investidores estrangeiros, garantindo o pagamento em dia da dívida.

EM 2007, o governo gastou R$ 160 bilhões só com juros da dívida pública. O orçamento para a Saúde em 2008, é de R$ 42 bi.

A chamada dívida externa é o conjunto da dívida contraída no exterior pelo setor público e as empresas aqui instaladas. Nessa conta entra tanto a dívida contraída por governos como por empresas. Desta forma, uma dívida contraída por uma filial de uma multinacional com sua própria matriz, seria contabilizada como dívida externa.

Já as reservas internacionais são os depósitos do Banco Central em moeda estrangeira, principalmente o dólar. Quando há um investimento estrangeiro no país, o BC toma esses recursos e repassa o equivalente em moeda nacional. Já quando as empresas remetem lucros às suas matrizes no exterior, por exemplo, elas trocam o real pelo dólar guardado no Banco Central. Ou seja, as chamadas reservas internacionais são a garantia de que o governo e as empresas aqui instaladas honrarão seus compromissos no exterior.

E como o governo consegue acumular esses recursos em moeda estrangeira? Além da balança comercial favorável, ou seja, os dólares que entram no país através das exportações, o governo concedeu total isenção de imposto aos investimentos estrangeiros.

Os especuladores podem injetar dólares no país sem o menor custo, o que aumentou o investimento externo. Com a valorização do real, os especuladores trocam títulos da dívida externa, em dólar, por títulos da dívida interna, em real valorizado e com juros maiores. Os dólares em desvalorização ficam com o Banco Central.

Grande parte das reservas, porém, vem do chamado superávit primário, a economia que o governo faz cortando investimentos e aplicando uma política de arrocho nas contas públicas, tirando recursos de setores como saúde e educação.

ECONOMIA DEPENDENTE

O ufanismo comprado por boa parte da imprensa dá conta que agora "os gringos é que devem ao Brasil", conforme estampou na capa o jornal Correio Braziliense. No entanto, nunca a economia do país foi tão dependente quanto no governo Lula. O real valorizado em relação ao dólar, assim como a economia desnacionalizada, impulsionam a remessas de lucros ao exterior. Em 2007, as filiais das multinacionais remeteram R$ 21,2 bilhões às suas matrizes, um recorde. Com a crise econômica nos EUA, essa tendência vai se aprofundar.

A crise financeira deve ainda diminuir o montante de investimentos estrangeiros. A demanda por exportações, oriunda principalmente da China, também sentirá os efeitos da recessão norte-americana.

Seguindo sua política econômica pró-imperialista, o governo, através do Banco Central e sua equipe econômica, já anunciou que manterá a meta de superávit e, diante das turbulências internacionais, ameaça aumentar a taxa de juros.

Se existe alguma mudança, principalmente no que se refere às bandeiras da esquerda, é que precisaremos falar de "dívida pública" ao invés de tão somente "dívida externa". De resto, continua tudo como está, só que pior. A exigência de ruptura com o imperialismo e do não pagamento das dívidas segue atual. O que é economizado para pagar juros deve ser investido no povo brasileiro, o maior credor de todos os governos deste país, incluindo o de Lula.

GOVERNO TROCA DÍVIDA EXTERNA POR INTERNA

Em 1999, quando a dívida externa atingiu seu pico, totalizando US$ 225 bilhões, o governo pagou US$ 60,7 bilhões só de juros.

Já em 2007, com a explosão da dívida interna, o país desembolsou R$ 237 bilhões com juros e amortizações da dívida, ou US$ 140 bilhões. Só de juros foram pagos R$ 160 bilhões, ou US$ 94 bilhões.

Em janeiro de 2008, o total da dívida pública estava em R$ 1,3 trilhão. Foram pagos no mês R$ 13 bilhões só de juros. Para comparar, o Orçamento de 2008 prevê R$ 12,7 bilhões para a educação.

PARA ONDE VAI A CTB?

NOVA CENTRAL DO PCDOB rompe com a CUT, mas já nasce alinhada ao governo

Congresso de fundação da nova central

SEBASTIÃO CARLOS "CACAU", da direção nacional do PSTU

A Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil, CTB, foi fundada no dia 12 de dezembro num congresso em Belo Horizonte (MG). Participaram do evento a Corrente Sindical Classista (CSC), alinhada ao PCdoB, e um agrupamento ligado ao PSB denominado "Sindicalismo Socialista Brasileiro".

Segundo a organização, 1.300 delegados de 480 entidades sindicais compareceram ao evento. O congresso foi, na verdade, o ato nacional de fundação da CTB, já anunciada na noite de abertura. Um único dia foi dedicado ao debate, todo ele em plenário. O último dia se resumiu a uma plenária de meio período, com discursos dos convidados e apresentação da diretoria da entidade, presidida pelo metroviário Wagner Gomes, de São Paulo.

A fundação da CTB mostrou a forma burocrática e anti-democrática com que tradicionalmente age o PCdoB. A decisão de romper com a CUT havia acabado de ser tomada, na VII Plenária Nacional da CSC, realizada em setembro. Em menos de três meses, o PCdoB organizou o congresso de fundação da entidade e aprovou, por unanimidade, sua carta de princípios, os estatutos e a direção. Um processo bastante diferente da Conlutas, cujo processo de organização e fundação levou mais de três anos.

No congresso foi votada também por unanimidade a filiação da CTB à Federação Sindical Mundial, aparelho controlado pelas direções castristas e chavistas. Uma única tese foi apresentada para debate e... aprovada também por unanimidade!

CTB E O GOVERNO

O surgimento da CTB certamente provocará questionamentos entre os ativistas. A nova entidade tem peso político importante. Rompe com a CUT criticando seu apoio ao governo, a ausência das lutas e sua burocratização. Votou um plano de ação que se choca com várias das políticas do governo Lula, mas, ao mesmo tempo, declarou seu apoio crítico, sistematizado na fórmula: "apoiar as medidas progressistas do governo Lula, mas também pressioná-lo para que avance nas mudanças".

Justificando essa posição, declara que "a CTB defende uma tática diante do governo Lula que evite tanto a passividade acrítica da CUT como o voluntarismo esquerdista da Conlutas e da Intersindical. Nem chapa branca nem oposição sectária!" A CTB pretende então se posicionar entre as direções governistas e as novas organizações que surgem em oposição. Sem deixar, no entanto, de na prática apoiar o governo Lula.

RAZÕES DA RUPTURA COM A CUT

Até a fundação da CTB, o PCdoB desenvolvia uma campanha contra a Conlutas, acusando-a de divisionista e de fazer o papel da direita no movimento sindical. Até então, o PCdoB ignorava o retrocesso vivido pela CUT e o processo de ruptura de um setor importante do movimento sindical e popular com suas direções tradicionais, a partir da chegada do governo Lula ao poder.

Por que então, o PCdoB muda sua tática? Essa virada na política responde a três questões essenciais: de um lado, ao avanço da crise no interior da própria central e à perda do espaço à esquerda no movimento sindical, principalmente após o surgimento da Conlutas e também da Intersindical. As principais lutas desenvolvidas pelos trabalhadores desde 2003 se chocaram com o governo e também com a direção da CUT.

De outro lado, responde à luta burocrática pelo imposto sindical (desconto anual de um dia dos salários de todos os trabalhadores) que agora será dividido entre as centrais sindicais que se legalizarem. Ainda na CUT, o PCdoB tentou negociar a sua participação no rateio do imposto, sem sucesso.

A defesa da estrutura sindical oficial, materializada no apoio à unicidade sindical definida em lei e ao imposto sindical obrigatório, coloca a CTB mais próxima dos setores mais conservadores do movimento sindical e à direita das próprias resoluções da CUT. Por fim, a organização da CTB também responde à necessidade de se criar uma base popular para uma eventual candidatura de Ciro Gomes (PSB) à presidência da República em 2010, como candidato do bloco parlamentar formado por PCdoB, PSB e PDT.

AUSÊNCIA DO DEBATE SOBRE A TRANSPOSIÇÃO

O congresso da CTB ocorreu em meio à segunda greve de fome de dom Cappio e o evento simplesmente não debateu o tema. A ausência da discussão se explica principalmente pelo apoio ao governo Lula. Também tem a ver com o apoio do PCdoB à pré-candidatura de Ciro Gomes, um dos principais defensores da transposição.

Ciro está alinhado às grandes empreiteiras, latifundiários e representantes do agronegócio na região, os principais interessados na obra. O PCdoB tem mantido um silêncio cúmplice sobre o assunto e coloca a sua estratégia eleitoral acima das necessidades populares e da luta de um amplo setor de movimentos.

PROPOSTA DO CONCLAT

A CTB participará da Coordenação dos Movimentos Sociais (CMS), junto com a CUT, a UNE e o MST. A CMS tem demonstrado um poder de mobilização limitado pelo apoio dado ao governo, mas é composta pelas organizações que ainda têm mais peso entre os trabalhadores.

Dessa forma, o PCdoB pretende revitalizar a CMS, relocalizando sua política e tentando, junto com setores do MST, retomar o espaço perdido. Ao mesmo tempo, o Congresso da CTB fez um chamado a uma Conferência Nacional das Classes Trabalhadoras (Conclat). Com essa política, o PCdoB pretende tirar da defensiva as organizações governistas, que têm se negado a se somarem na luta contra as reformas e os ataques do governo.

Como parte dessas iniciativas, foram lançadas uma campanha pela redução da jornada de trabalho e a apresentação, em acordo com o governo, de projetos de lei que ratificam convenções da OIT (Organização Internacional do Trabalho) contra a demissão arbitrária e pelo direito de negociação no serviço público. O PCdoB pretende reeditar uma política de mobilização em apoio a projetos do governo, tirando de cena a luta contra as reformas previdenciária e trabalhista, hoje bastante identificada com as posições da Conlutas.

ROMPER COM O GOVERNO

Sem romper com o governo Lula e enfrentar suas reformas, a CTB sofrerá o mesmo processo de degeneração e burocratização da CUT, ainda que tenha chegado, tardiamente, a um diagnóstico parcialmente correto do papel atual da CUT.

Esse teste estará colocado, mais cedo ou mais tarde, nas ruas, nas greves e nas mobilizações contra as políticas e reformas do governo Lula.

A Conlutas deve fazer unidade sempre que houver um programa mínimo e reivindicações dos trabalhadores a serem defendidas. Mas, ao mesmo tempo, deve exigir da CTB sua ruptura com o governo, pois sem desmascarar o principal responsável pela aplicação dos planos neoliberais em nosso país, não será possível construir as condições para vitórias efetivas de nossa classe.

8 de março
Em defesa da mulher trabalhadora e contra o governo

MAIS UM 8 DE MARÇO, mais um dia de luta. As mulheres estão longe de alcançar a igualdade. O capitalismo precisa do machismo para explorar mais e, assim, lucrar mais. É por isso que as mulheres trabalhadoras precisam mais do que comemorar: precisam lutar ao lado de suas companheiras e companheiros de classe, contra o capitalismo, o governo e o machismo. Os homens da classe trabalhadora precisam defender a emancipação das mulheres contra o capitalismo e não praticar o machismo, que divide a classe e favorece a exploração. Esta edição é dedicada a todas as mulheres trabalhadoras cuja própria vida já é uma batalha.

Cotidiano implacável

LUCIANA CANDIDO, do Portal do PSTU e da Secretaria de Mulheres do PSTU-ABC

Às 14h, Helena estava em frente à fábrica onde trabalha, a General Motors (GM). Logo os trabalhadores começaram a se juntar para ouvir o que o sindicato tinha a dizer. Era dia de protesto contra o banco de horas e a redução de direitos. Ela era uma das raras mulheres.

Nessa fábrica, segundo ela, as mulheres são no máximo 10%. Ela trabalha na linha de produção, no setor de embalagem. Chega ao trabalho às 6h e sai às 15h. Quando perguntamos como é seu dia na fábrica, a resposta é curta e rápida: cansativo.

Helena acaba com o mito da igualdade entre homens e mulheres. Conta que as mulheres não são respeitadas e são consideradas mais fracas. No entanto, fazem as mesmas tarefas que os homens e trabalham o dobro, pois têm o trabalho doméstico que as espera em casa. "*O salário, pelo menos, é igual, mas o dia-a-dia para a mulher é mais complicado*", diz.

Fora da fábrica, a rotina é dura. "*Eu sou mãe, sou chefe de família. Inclusive eu tenho de ir embora logo, pegar minha filha na escola.*"

ASSÉDIO: UM FANTASMA PERMANENTE

"*Hoje estou no sindicato porque eu me senti perdida dentro da fábrica, tinha medo de ir embora*", conta Helena, que foi assediada mais de uma vez. As mulheres trabalhadoras, além de enfrentar o trabalho dobrado, são violentadas moralmente. O assédio normalmente vem das chefias, dos patrões. Mas às vezes vem dos próprios colegas, dos companheiros de classe.

A maioria das operárias não denuncia, pois são ameaçadas com a demissão e temem represálias. "*Quando a gente não está no meio dos sindicalistas, a gente tem medo de demissão, de retaliação e às vezes guarda muita coisa só pra gente*", desabafa Helena.

Soraia também é metalúrgica, mas de uma pequena fábrica de autopeças que fornece para as grandes como a GM e a Bosch. Nesses locais, o assédio não é menor. Na empresa de Soraia, o patrão impõe troca de horários sem avisar as trabalhadoras.

"*Quando muda uma mulher de turno, muda toda a rotina dela, porque ela vai ter de pensar em quem vai pegar o filho na creche, quem vai levar na escola*", avalia.

"*A moça que trabalhava com a gente queria passar para o terceiro turno, porque ela estava no primeiro e tinha de pagar alguém para cuidar do filho. Como não tinha dinheiro, começou a deixar o filho menor sozinho*", relatou Soraia.

ELAS ESTÃO NAS PIORES FÁBRICAS

Às 21h50, Soraia já está na estamparia. Seu trabalho é igual ao de qualquer homem da fábrica. Às 8h10, ela sai e sua atividade não pára. "*Eu saio de casa, trabalho a noite toda*", fala.

A diferença é que nessa empresa a maioria é de mulheres. O salário é bem menor que o da GM. No entanto, o trabalho é igual só na fábrica. As mulheres saem da empresa e vão para suas casas cuidar dos filhos e do marido. "*Tenho quatro filhos, fico com eles e, depois do almoço, eu durmo. É o horário que eu tenho para depois continuar a rotina.*"

Nos fins de semana, mais trabalho em casa: "*Sempre sobra alguma coisa para a gente fazer, sábado e domingo tem de dar uma geral*".

Para ela, o sindicato deve atuar o ano inteiro, exigindo creches e salários iguais.

A maioria das colegas de Soraia são as únicas responsáveis pelo trabalho doméstico. "*São pessoas que trabalham e têm uma vida carregada. Muitas vezes, saem do trabalho, pegam a criança, vão para casa. Muitas trabalham à noite e o marido trabalha de dia. Quando o marido chega, a mulher organiza as crianças para dormir e vai trabalhar. É difícil, a gente passa bastante dificuldade.*"

*Os nomes das mulheres foram trocados para preservá-las.

SAIBA MAIS

DADOS DA VIOLÊNCIA

- A CADA ANO 1 milhão de abortos clandestinos são feitos no Brasil e 150 mil mulheres morrem ou ficam com seqüelas
- o aborto mal feito é a 3ª CAUSA DE MORTE ENTRE AS MULHERES

- DOS MAIS POBRES DO MUNDO, 70% são mulheres
- NOS ÚLTIMOS 20 ANOS, cresceu em 50% o número de mulheres que vivem abaixo da linha de pobreza
- Entre aqueles que recebem salário mínimo, 53% são mulheres

- ENTRE 2001 e 2007, o número de rotas nacionais de exploração sexual subiu de 241 para 1.800 (dados da Polícia Federal)

- A cada 15 segundos, uma mulher é espancada
- A cada nove segundos, uma mulher é ofendida na conduta sexual
- A cada nove segundos, uma mulher é desmoralizada no trabalho doméstico ou remunerado

- Mulheres negras entre 16 e 24 anos têm três vezes mais chances de serem estupradas que as mulheres brancas

- Mulheres constituem 63% das vítimas de agressões físicas no ambiente doméstico

- Mulheres são responsáveis pelo sustento de 1/3 das famílias no Brasil

Os trabalhadores nunca serão livres se não lutarem contra a opressão

Ana Rosa Minutti, da Secretaria Nacional de Mulheres do PSTU

O capitalismo se utiliza da opressão da mulher para explorar ainda mais a classe trabalhadora. Os trabalhadores homens, ao praticar ou incentivar o machismo, estão ajudando os patrões a aumentarem seus lucros e dividindo a classe trabalhadora. Não podem ficar ao lado do inimigo de classe, e sim devem estar com suas companheiras.

O capitalista ganha quando contrata a mulher com um salário inferior ao do homem, cumprindo a mesma função. O neoliberalismo incentivou a entrada da mulher no mercado de trabalho, utilizando a mão-de-obra feminina para precarizar o conjunto da classe trabalhadora. Se o trabalhador acha certo essa situação de inferiorização, acaba ajudando o patrão e se prejudicando, pois baixa o conjunto dos salários.

As "vantagens" que o homem trabalhador leva com o machismo – não ter de lavar, passar, cozinhar, cuidar das crianças e dos doentes, etc. – sobrecarregam e oprimem as mulheres, e dão lucro para o patrão. Isso garante que os patrões não tenham de desembolsar nenhum centavo para a construção de creches, lavanderias e restaurantes públicos. Esses trabalhos vitais são gratuitos, pois o capitalismo não paga por eles, aumentando seus lucros.

Quando o machismo torna-se tão forte que o homem trabalhador trata a mulher como o patrão trata o operário, como sua propriedade, como alguém inferior em quem "ele manda", desrespeita, faz sofrer e às vezes chega até à violência, ele enfraquece a luta de toda a classe trabalhadora contra o capitalismo. Afinal, as mulheres são 50% do gênero humano e da força de trabalho e têm capacidade para estarem ombro a ombro com os homens na luta, na liderança dos sindicatos, no trabalho, na política. O socialismo é sinônimo de igualdade e do fim de toda opressão. O homem que não defende o fim do machismo e a libertação das mulheres não pode ser chamado de socialista.

As trabalhadoras e os trabalhadores devem se unir para derrotar o capitalismo e a opressão da mulher em casa, na escola, na rua, na fábrica, na mina, no canteiro de obra, no sindicato, na roça, em toda parte e no dia-a-dia. Juntos construirão o socialismo e este terá na sua direção a força e a firmeza da mulher trabalhadora!

POR QUE LUTAMOS

- Contra as reformas de Lula/FMI que retiram direitos das mulheres trabalhadoras;
- Em defesa da aposentadoria e da licença maternidade;
- Por salários dignos e iguais para homens e mulheres que exerçam as mesmas funções;
- Pela construção de creches e escolas públicas de jornada integral que atendam todos/as os/as filhos/as das trabalhadoras;
- Pela descriminalização e legalização do aborto, garantido na rede pública de saúde com distribuição gratuita de todos os métodos contraceptivos;
- Pela construção de postos de saúde e hospitais em todos os bairros da periferia;
- Pela construção de restaurantes públicos e lavanderias coletivas;
- Pelo fim da violência sofrida pelas mulheres;
- Pelo direito à moradia digna;
- Contra o preconceito de raça, nacionalidade e orientação sexual.

HISTÓRIA DO 8 DE MARÇO

Na II Conferência Internacional de Mulheres, em 1910, na Dinamarca, a revolucionária alemã Clara Zetkin propôs que o dia 8 de março fosse declarado Dia Internacional da Mulher para lembrar a luta das trabalhadoras do mundo por melhores condições de vida e trabalho. Em 1911, mais de um milhão de mulheres se manifestaram na Europa. A partir daí, a data começou a ser comemorada no mundo inteiro.

A luta das mulheres precisa ser classista

CAROL RODRIGUES, da Secretaria de Mulheres do PSTU-SP

Em nenhum país capitalista existiu igualdade entre homens e mulheres. Todas as conquistas alcançadas foram arrancadas com lutas e, mesmo assim, a todo momento existe o risco de perdê-las.

As conquistas das mulheres no capitalismo são parciais e nunca permanentes, pois a opressão é uma peça necessária para o capitalismo funcionar.

TRABALHO DOMÉSTICO DESVALORIZADO

Por um lado, o machismo justifica a exploração e a superexploração de setores no interior da classe trabalhadora, dividindo-a e jogando uns contra os outros. Por outro lado, permite que o trabalho doméstico não seja pago pelos patrões.

A VERDADEIRA LIBERTAÇÃO

Como disse Lenin, dirigente da Revolução Russa, "*nossa luta não é de igualdade para todos, não é de liberdade para todos, mas a luta contra os exploradores e opressores pela eliminação das possibilidades de oprimir e explorar*".

É preciso lutar por uma sociedade na qual não exista propriedade privada nem a exploração de uma classe por outra. Uma sociedade na qual haja pleno emprego, salário igual para trabalho igual, creches e o direito à mulher de decidir sobre o seu corpo e sua sexualidade.

Com a extinção da propriedade privada, haverá condições para transferir a toda a sociedade as tarefas domésticas e outras responsabilidades penosas e desgastantes. Libertadas desses pesos, as mulheres poderão acabar com a servidão doméstica e cultivar todas as suas capacidades como membros criativos e produtores da sociedade – e não só como seres reprodutores.

ALIADOS E INIMIGOS

Não temos nenhum acordo com os setores do movimento feminista que têm como política a unidade de "todas" as mulheres, trabalhadoras e burguesas.

É possível que em uma ou outra ocasião estejamos juntas, na ação e na luta, com as mulheres burguesas, como pelo direito ao aborto. Mas é importante ter claro que, se é a divisão entre ricos e trabalhadores que sustenta a opressão, a unidade das mulheres por cima das diferenças das classes é impossível.

Condoleeza Rice, secretária de Estado dos EUA, apesar de negra e mulher, é a porta-voz da política imperialista que mata milhões de negros e mulheres em todo o mundo.

Os nossos aliados permanentes e até o fim nessa luta são as mulheres e os homens trabalhadores. É preciso que os sindicatos, os partidos e os demais organismos da classe trabalhadora tomem em suas mãos as bandeiras das mulheres.

SAIBA MAIS

O QUE É MACHISMO

- É a "ideologia que considera a mulher inferior ao homem econômica, política e socialmente".

O sistema em que vivemos, o capitalismo, se utiliza do machismo para justificar a inferioridade da mulher, o mito da fragilidade feminina e da maternidade como algo natural (em que ela é a maior responsável pelo cuidado dos filhos), a desvalorização do trabalho doméstico, o papel sexual da mulher como objeto, etc. O capitalismo se aproveita do machismo para dividir nossa classe e, assim, explorar ainda mais.

Conlutas realiza ato classista, feminista e anticapitalista contra o governo Lula

JANAÍNA RODRIGUES, da Conlutas

O governo Lula, junto com os governos estaduais, tem sido responsável pela aplicação dos planos da burguesia que atacam a mulher trabalhadora: retirada de 42% das verbas para combater a violência à mulher, a posição contra o aborto, a reforma da Previdência de 2003 e a proposta de uma nova reforma.

As mulheres têm de manter suas bandeiras de luta pela garantia dos direitos, pelo fim da dupla jornada de trabalho, pelo pleno emprego, pelo piso salarial do Dieese, pela legalização do aborto e pelo fim da violência.

Não dá para abandonar a luta da mulher trabalhadora. Neste 8 de março, as mulheres da Conlutas não seguirão ao lado de organizações que se negam a lutar contra o governo, tornando-se inconseqüentes na luta contra a exploração e a opressão das mulheres e favorecendo a manutenção de um estado de miséria. Não podemos nos calar perante atitudes como as da governadora do Pará, Ana Júlia Carepa (PT), que mostrou não ser feminista quando uma garota foi estuprada diariamente numa cadeia em seu estado.

Não é possível concordar com o caráter que vem assumindo o movimento feminista, em particular a organização do 8 de março, com palavras de ordem genéricas que não enfrentam o governo. É nesse marco que se deu a ruptura com a construção de um ato junto com a Marcha Mundial de Mulheres em São Paulo.

A construção de uma manifestação independente, com todas as entidades, organizações e grupos feministas de luta, é a garantia de seguir lutando por uma sociedade socialista, única forma de lutar conseqüentemente pela libertação das mulheres.

CHAMADO AO PSOL

É de grande importância que as companheiras do PSOL se incorporem a essa luta, com base num programa classista e feminista, contra o governo Lula. Participar de um ato governista que desorganiza a luta das mulheres é se colocar nas trincheiras do inimigo.

QUATRO ANOS DE LUTA E RESISTÊNCIA

OCUPAÇÃO PINHEIRINHO, em São José dos Campos (SP), completa mais um ano

> Sem luta não teríamos conseguido nada. Nem um ano, muito menos quatro. E com muita luta vamos conquistar esse terreno e o Pinheirinho vai ser nosso para sempre!
> Mesmo com toda a felicidade que estamos vivendo hoje, não podemos esquecer que a prefeitura vai continuar com os ataques. Fico preocupada com as crianças, pois esses homens do dinheiro são capazes de qualquer coisa para ficarem cada vez mais ricos.
>
> **SÔNIA REGINA,** moradora do Pinheirinho

ANGÉLICA DE PAULA, *de São José dos Campos (SP) e* ***GUSTAVO SIXEL,*** *da redação,,*

O sábado dia 23 foi de festa na ocupação do Pinheirinho. Os moradores comemoraram os quatro anos desde 26 de fevereiro de 2004, quando várias famílias fizeram de um terreno abandonado o início de um sonho. A festa começou com um bolo de quatro metros – um para cada ano. Feito por moradoras do Pinheirinho, o bolo estava caprichado: cobertura, recheio de doce de leite e desenhos de pinheirinhos. A comemoração seguiu adiante com música e capoeira, com crianças.

O Pinheirinho tem 1,3 milhão de metros quadrados, quase 900 vezes o gramado do Maracanã. No centro desse enorme espaço, os moradores construíram um palco. Tudo acontece ali: reuniões, atos, assembléias. Foi onde a festa aconteceu e muitos discursaram. Sindicalistas e militantes que acompanharam a luta dos moradores, como os sindicatos de metalúrgicos e de químicos, a Conlutas e a Intersindical. Também estavam os partidos, como o PSTU de Zé Maria, Ernesto Gradella e Toninho, e o PSOL, representado por Plínio de Arruda Sampaio. Além de dezenas de ativistas que atenderam o convite e foram conhecer o Pinheirinho.

"A vida é difícil e já foi pior. Fico feliz em comemorar quatro anos de luta e muita resistência", afirmou Valdir Martins, o "Marrom", da coordenação da ocupação e do Must (Movimento Urbano dos Sem-Teto). A resistência da qual ele fala não é força de expressão. A prefeitura do PSDB e o ex-proprietário, o milionário Naji Nahas, já tentaram por diversas vezes desocupar o terreno.

O prefeito tucano insiste em expulsar os moradores do Pinheirinho e já enviou a polícia diversas vezes ao local. Os moradores foram às ruas e ameaçaram resistir. Nesses momentos, era comum mulheres afirmarem que preferiam atear fogo aos barracos a vê-los derrubados pela polícia.

Essa garra das mulheres é uma das marcas da ocupação. Quase 80% da coordenação é formada por mulheres. *"Isso reflete o acampamento, onde a maioria é de mulheres. Chefes de família abandonadas pela família ou pelo marido e que hoje cuidam sozinhas dos filhos"*, conta Toninho, da Conlutas. Uma realidade bem diferente da mostrada na novela Duas Caras, da Globo, que possui uma ocupação urbana. *"Das vezes em que acompanhei a novela, vi que não tem muita coisa a ver com o Pinheirinho. Só a pobreza é igual. Mas aqui a população é quem decide as coisas, a maioria decide o que é melhor. Aqui não tem esse negócio de autoritarismo. Nós, da coordenação, orientamos, mas ninguém impõe nada não!"*, afirma Waldirene de Paula, de 28 anos, há três anos no local. Além das assembléias, os moradores também se organizam em 14 grupos, que mantêm a vida do Pinheirinho em relação a temas como limpeza, atividades, cultura etc.

Mesmo sem esgoto e asfalto, muitas famílias vêm se juntar ao acampamento. Há um ano, já eram 1.380 famílias, quase 200 a mais do que em 2004. O sonho da moradia digna atrai cada vez mais, em uma cidade onde o déficit habitacional é de 20 mil casas. *"O Pinheirinho é um desafio aberto contra o projeto de 'higienização' social projetado pelos tucanos. Essa idéia neoliberal e nojenta de 'limpar' as favelas, expulsando seus moradores para as áreas mais distantes possíveis. Vencer aqui é dar ao Brasil um exemplo de que a luta por moradia e condições dignas de vida não só é necessária e justa, mas também é possível"*, afirma Marrom, da coordenação.

METALÚRGICOS

ARTICULAÇÃO DIVIDE-SE EM DUAS CHAPAS NA VOLKS

PELA PRIMEIRA VEZ, corrente que dirige o sindicato em São Bernardo do Campo sai dividida

DA REDAÇÃO

Nos dias 10 e 11 de março, acontecem as eleições para o Comitê Sindical de Empresa (CSE) da Volkswagen de São Bernardo do Campo (SP). O CSE é a diretoria de base do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Este ano a Articulação Sindical, corrente do PT que é maioria no sindicato, vai concorrer dividida em duas chapas, a 1 e a 3. Esse fato é histórico, pois a Articulação sempre esteve unida nas eleições da entidade.

OPOSIÇÃO TERÁ CHAPA

A Chapa 2 é formada por membros da Conlutas, da Intersindical e independentes. A oposição existe há dez anos na Volks. Nesses anos, cumpriu um papel de grande importância na resistência e na disputa política contra a fábrica e a direção do sindicato.

A divisão da atual direção do sindicato abre espaço para a Chapa 2. As duas últimas eleições na fábrica mostraram o crescimento da oposição.

Em 2005, a chapa obteve 38,4% dos votos para o Comitê Sindical de Empresa. A eleição é proporcional, sendo que apenas as chapas que atinjam o mínimo de 33% dos votos podem indicar membros para a diretoria. Assim, a oposição elegeu nove diretores entre os 25 membros do Comitê Sindical.

Em outubro de 2007, nas eleições para a Comissão de Fábrica, a oposição venceu nos setores de armação e carroceria (alas 4 e 2) e no de pintura (ala 13), onde trabalhou Luiz Marinho, hoje ministro da Previdência. Também elegeu um membro na estamparia, totalizando um terço da Comissão de Fábrica.

CONTRA A PERDA DE DIREITOS

Uma das lutas travadas pela oposição é contra a reestruturação produtiva, que impôs o banco de horas na Volks de São Bernardo em 1996. O banco levou à extinção de mais de 12 mil postos de trabalho. Em 1996, a empresa tinha 23 mil trabalhadores na planta Anchieta. Hoje são 10 mil empregados – menos que a metade – e 6 mil terceirizados e precarizados.

Durante esse tempo, porém, os trabalhadores resistiram bravamente e a oposição esteve na linha de frente, fazendo com que muitas vezes a fábrica tivesse de adiar os ataques.

A Volks começou uma ofensiva e, há um ano, demitiu dois diretores do sindicato eleitos pela chapa de oposição, Rogério Romancini e Biro-Biro. O ataque foi uma forma de intimidar a oposição e, com a direção majoritária do sindicato, tentar impor uma derrota à mesma. No entanto, houve resistência, com uma grande campanha internacional contra a atitude da Volks.

Agora, nesta eleição, o apoio do movimento sindical e popular combativo e classista à Chapa 2 é de grande importância, pois a divisão da Artsindical abre a possibilidade da formação de uma nova maioria no CSE na Volkswagen do ABC. Esta sim, combativa e conseqüente na luta pelos interesses dos trabalhadores.

CUBA DEPOIS DE FIDEL

DA REDAÇÃO

Na manhã do dia 21, o Granma, jornal oficial do Partido Comunista Cubano (PCC), publicou uma carta de Fidel Castro em que este afirmava que não comandaria mais o Estado de Cuba.

A renúncia abriu o caminho para Raúl Castro, irmão de Fidel, se consolidar no poder. Ele ocupava provisoriamente a chefia do Estado desde julho de 2006, quando Fidel se afastou por motivos de saúde. No último dia 24, Raúl foi eleito presidente de Cuba pela Assembléia do Poder Popular.

A saída de Fidel e a transmissão do poder a seu irmão Raúl colocaram o debate sobre o presente e o futuro de Cuba novamente na ordem do dia. Afinal a ilha, que foi o primeiro Estado operário da América Latina, continua sendo a última fortaleza do socialismo ou, como na ex-URSS e na China, o capitalismo já foi restaurado?

É lógico que o afastamento de Fidel, máximo dirigente da Revolução Cubana, provoque intensos debates e especulações. Mas qualquer análise sobre a situação atual deve ser feita à luz dos acontecimentos que afetaram o Leste Europeu e a China nas últimas décadas, isso é, à luz dos processos de restauração do capitalismo.

ARQUIVO/AG.BRASIL

AS CONQUISTAS DE UMA REVOLUÇÃO

A Revolução Cubana de 1959 mostrou quais tipos de conquistas uma revolução socialista é capaz de alcançar. Antes da revolução, Cuba era um dos países mais desiguais do continente e as condições de vida das massas eram terríveis. O desemprego atingia até 50% da força de trabalho. As terras estavam concentradas nas mãos de latifundiários e empresas norte-americanas.

A revolução expropriou empresas estrangeiras e a burguesia, promoveu a reforma agrária e acabou com o analfabetismo do país. O desemprego e a pobreza foram eliminados. Por muitos anos a taxa de desemprego no país foi menor que a dos EUA. Cuba também conquistou avanços imensos em setores como educação e saúde pública, e superou, nessas áreas, nações muito mais desenvolvidas. A mortalidade infantil em Cuba, por exemplo, até hoje é menor que a dos EUA.

As conquistas se refletiram também nos esportes. Depois da revolução, Cuba investiu muito na prática esportiva, o que resultou em desempenhos bem superiores aos demais países do continente.

Isso explica por que a revolução cubana tornou-se um símbolo para a vanguarda latino-americana e uma referência de conquistas por meio da revolução socialista.

Mas o retorno do capitalismo impôs seu preço amargo. Mazelas típicas do capitalismo, como a prostituição, o desemprego e a desigualdade social, retornaram com força à ilha.

No entanto, a maioria da esquerda opina que Cuba continua sendo uma "fortaleza socialista". Assim, Fidel é visto como o defensor do socialismo perante as ameaças do imperialismo norte-americano e dos "gusanos" (burguesia cubana exilada nos EUA). Mas a questão é que o capitalismo já retornou a Cuba. E não foi pelas mãos do imperialismo, mas sim a partir dos próprios dirigentes castristas.

Embora existam muitas resistências na esquerda em reconhecer isso, basta analisar os fatos para perceber que o retorno do capitalismo a Cuba é uma realidade incontestável.

A VOLTA DO CAPITALISMO

O fim da URSS e a restauração capitalista no Leste Europeu foram um duro golpe na economia cubana, centrada na exportação de açúcar e na troca por petróleo e tecnologia com esses países. Foi nesse momento que a direção castrista iniciou um plano para o retorno do capitalismo no país, destruindo os três pilares fundamentais de uma economia de transição socialista: o monopólio do comércio exterior; a propriedade estatal; e o planejamento da economia pelo Estado.

Em 1995, Fidel anunciou as leis de investimento estrangeiro, criando assim as chamadas empresas mistas (empresas cujas ações são divididas entre o Estado e investidores privados estrangeiros).

Em seguida, o governo acabou com o monopólio do Estado sobre o comércio exterior, o que, na verdade, era uma medida protetora da economia estatal contra a penetração do capital externo. Com isso, tanto as empresas estatais quanto as mistas podem negociar livremente suas exportações e importações com capitalistas estrangeiros. Segundo o Ministério de Investimentos Estrangeiros e Cooperação do país, as empresas mistas controlam hoje 100% dos serviços telefônicos e da exploração de petróleo, minério de ferro e rum.

É o caso da companhia telefônica de Cuba (Etecsa) que se tornou uma empresa mista e tem como"sócios" uma subsidiária da italiana Telecon.

Nos últimos anos, a entrada do capital estrangeiro na ilha ganhou um ritmo assustador. Em 2006, de acordo com o Ministério para Investimentos Estrangeiros de Cuba, houve um recorde de ingressos totalizando U$ 981 milhões, 22% a mais do que em 2005.

É importante notar que a restauração capitalista trouxe profundas mudanças à estrutura econômica de Cuba. Se antes ela se baseava na produção de açúcar, ao longo dos anos 90 foi se concentrando nos serviços, que representam atualmente mais de 70% do PIB.

A maioria dos investimentos estrangeiros se concentra nesses setores, mas se ampliaram para outros, como produtos farmacêuticos e, recentemente, petróleo. O setor de turismo, por exemplo, é dominado por empresas espanholas como a Meliá, que monopoliza o ramo de hotéis no país.

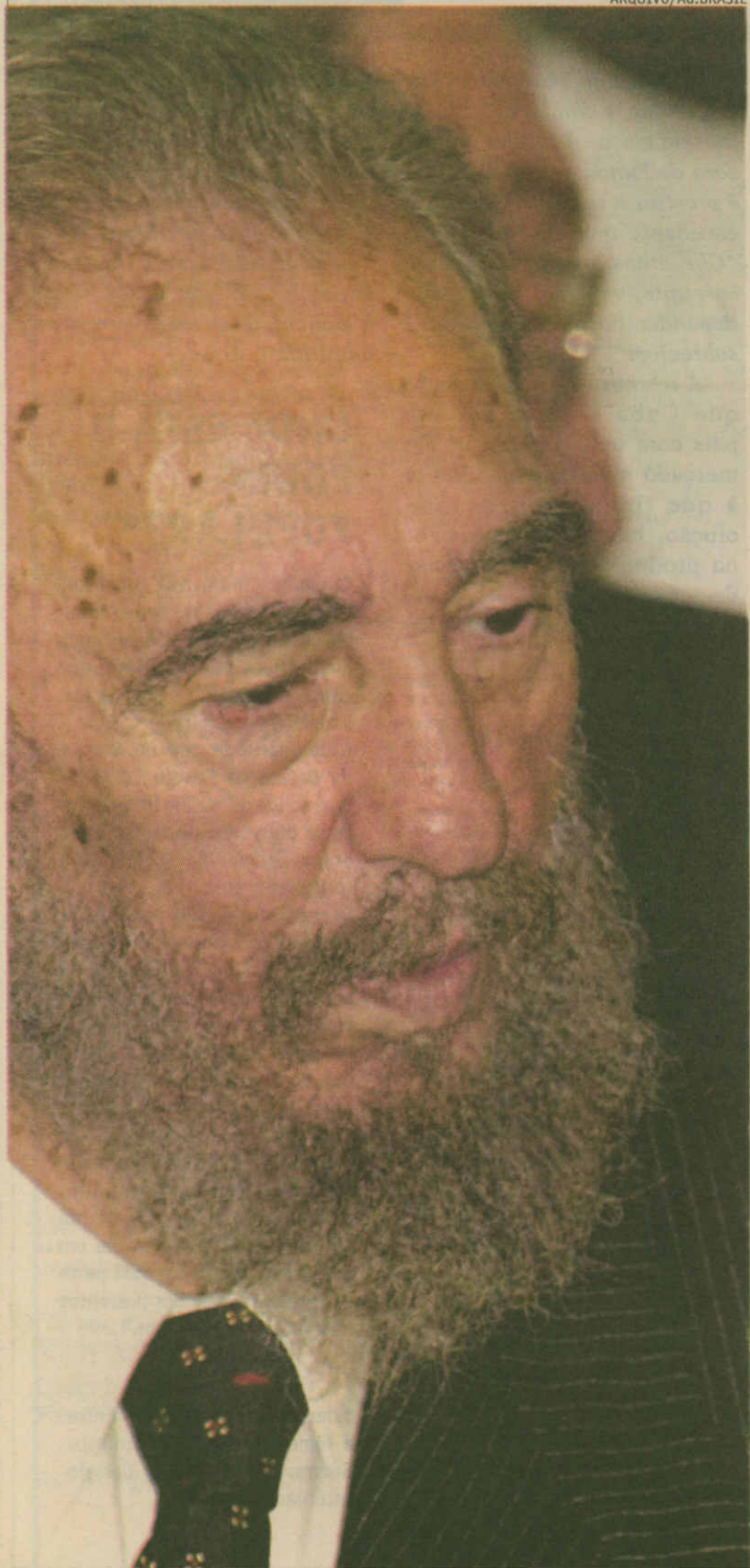
CÚPULA CASTRISTA

Com o crescimento dos investimentos estrangeiros em Cuba, a cúpula castrista transformou-se em sócia dos capitais estrangeiros, garantindo seus negócios e se enriquecendo através das empresas estatais e de sua participação nas empresas mistas.

Um exemplo disso ocorre nas Forças Armadas Revolucionárias (FAR), lideradas por Raúl Castro. A participação das FAR na administração da economia não parou de crescer depois da criação das empresas mistas. Desde hotéis, passando por agências de táxi, fábricas de açúcar e até escritórios de arrecadação de impostos, são vários os setores administrados pelos militares.

Atualmente as FAR controlam 322 empresas cubanas, que empregam 20% dos assalariados da ilha e são responsáveis por 89% das exportações. No turismo, as empresas administradas pelas FAR representam 59% dos lucros obtidos pelo setor.

Muitos analistas apostam que, com Raúl à frente do poder, a abertura econômica se aprofundará. O "aperfeiçoamento empresarial" é uma das metas mais repetidas por Raúl Castro desde que substituiu temporariamente Fidel em 2006. No discurso de sua posse, ele deu mostras de que pretende ampliar a abertura econômica. Algo que indica sua disposição em completar o processo de restauração do capitalismo em Cuba.

(Continua)

POR DENTRO DA ILHA

CONFIRA ABAIXO TRECHOS da reportagem "Entre a fome e o ódio", publicada em 1996 pelo Correio Internacional de número 67. A matéria foi realizada alguns anos após o inicio da restauração capitalista em Cuba e revela os efeitos sociais desse processo

ERNESTO GUERRA,

No Brasil, em muitas mobilizações por melhores salários, contra a exploração dos patrões, estive ao lado de ativistas que têm simpatia pelo castrismo. Fiquei imaginando o que diriam se escutassem este relato feita a mim por uma operária.

"Aqui se ganha de acordo com a tarefa produzida. Se a gente consegue terminar a tarefa determinada pelo administrador para aquele dia, muito bem. Se não conseguir, tem que terminar no dia seguinte. Paga-se pelas tarefas completadas e não por dia de trabalho. Se eu conseguir cumprir todas as tarefas todos os dias, ganho 110 pesos (mais ou menos 3 dólares)", relatou.

Um médico formado há sete anos me contou: *"Eu trabalho neste hospital 70 horas por semana, mas na verdade é um bico, em termos de salário. Ganho 340 pesos (pouco menos de 10 dólares) por mês. Consigo sustentar a família alugando um quarto que tenho, para turistas"*, disse. (...)

A saúde sempre foi um dos motivos de orgulho dos cubanos, mas já está em clara decadência. Um cirurgião me falou: *"Aqui falta linha de sutura, anestesia e medicamento"*. O governo concentra recursos num hospital onde é atendida a fina flor da burocracia, o Hermanos Amexeira, e deixa os outros sem lençóis para camas e sem medicamentos (...).

Nas escolas, outra das conquistas cubanas, falta de tudo, até papel e lápis. Os professores ganham em torno de sete dólares. Estive numa escola onde uma das alunas mais bonitas, de 14 anos, é também a mais bem vestida, porque se prostitui. *"Tenho colegas de quinto ano, que estão pra se formar, e também fazem a mesma coisa. A minha professora de Fundamentos Políticos é prostituta também"*, relata a estudante que ainda conclui: *"Chegamos a um capitalismo corrupto, no qual tenho que depender do meu corpo para sobreviver"*.

A restauração está fazendo que Cuba volte a ser um país com uma localização no mercado mundial semelhante à que tinha antes da revolução, baseada no turismo, na produção de rum e cana-de-açúcar e tabaco.

Diante de um ambiente socialmente explosivo como este, perguntei a várias pessoas porque não havia greve e mobilizações. Uma operária me respondeu: *"O sindicato é dirigido pelo partido e faz o que o administrador manda. Fazer greve? Não posso. Vem a polícia, e eu seria presa e demitida"*, disse.

ONDE ESTÁ O PODER POPULAR?*

"Andando por Havana, topei com uma Assembléia do Poder Popular. Nessa época estavam sendo definidos os pré-candidatos que concorreriam, em chapa única, às eleições de julho.

Cada quarteirão tem um Comitê de Defesa da Revolução (CDR) que, longe de ser um instrumento da democracia popular, é um braço policial do regime para controlar o povo.

Os habitantes são coagidos a estarem nas 'assembléias', sob pena de ficarem marcados junto ao CDR e assim perderem seus empregos e suas casas.

No 'poder popular' não se discutem nem as questões nacionais, nem os miúdos e concretos problemas do cotidiano de um bairro que está caindo aos pedaços (tema levantado por vários participantes). A assembléia terminou com a eleição de um delegado, votado por uma parte da plenária. Parte dos presentes não votou em ninguém."

*Trecho da reportagem "Entre a fome e o ódio", de Ernesto Guerra, publicada no Correio Internacional n°67.

Uma 'democracia popular'?

Cubano mostra caderneta de racionamento

Muitos defensores do regime castrista alegam que existe uma "democracia popular" em Cuba, diferente da democracia burguesa. Discordamos dessa opinião.

O regime cubano é uma ditadura que proíbe liberdades democráticas elementares como a organização de sindicatos independentes, greves, jornais autônomos, publicação de livros e até viagens a outros países.

Atualmente seria impossível existir legalmente uma entidade independente como a Conlutas em Cuba, ou um partido socialista de oposição ao regime. Não pode haver uma verdadeira "democracia popular" sem que os trabalhadores tenham o direito de formar sindicatos, organizar uma greve ou um partido independente do regime.

O caráter antidemocrático do regime cubano não é o resultado necessário de uma "fortaleza socialista" que se defende de uma agressão externa, mas sim uma ferramenta a serviço da política da cúpula castrista que restaurou o capitalismo e destrói as conquistas da revolução.

Por outro lado, a manutenção de um regime ditatorial em Cuba é uma garantia para os investimentos estrangeiros. Afinal, dificilmente trabalhadores cubanos do grupo empresarial espanhol Sol Meliá, ou da Etecsa, terão permissão para realizar uma greve por melhores salários.

CUBA E A 'VIA CHINESA' PARA O CAPITALISMO

É possível que o capitalismo retorne pelas mãos dos mesmos dirigentes que fizeram a revolução? Certamente esse é outro debate muito polêmico na esquerda.

A maioria do povo cubano certamente mantém seu respeito pelo velho dirigente da revolução. No entanto, lamentavelmente, foi a própria direção castrista que levou novamente o capitalismo a Cuba.

Algo que já foi visto na história recente, como foi o caso da restauração do capitalismo na China, realizada pelas mãos daqueles que tomaram o poder em 1949. Na China foi possível restaurar o capitalismo, ou seja, modificar o caráter socioeconômico do Estado, sem mudar o regime político. Um caminho que está sendo também adotado pela direção castrista.

VISITA DE UM ESPECIALISTA

Em 1979, o PC chinês, liderado por Deng Xiaoping (dirigente da revolução), iniciou a abertura econômica, estabelecendo zonas econômicas especiais para as multinacionais operarem livremente dentro do país.

Em seguida, pôs fim ao monopólio do Estado do comércio exterior, realizou privatizações e benefícios aos investidores estrangeiros.

Muitos analistas apontam que esse será o caminho adotado por Cuba. Uma opinião que é compartilhada até mesmo por intelectuais de esquerda como Heinz Dieterich, teórico do chamado "socialismo do século 21", adotado por Hugo Chávez em sua "revolução bolivariana".

"Acredito que haverá uma maior abertura da economia em direção ao modelo chinês", disse Dieterich em entrevista à Folha de S. Paulo (21/02).

Na entrevista, Dieterich revelou que o último presidente da Alemanha Oriental, Hans Modrow (que operou a transição do país ao capitalismo europeu), foi chamado a Cuba por Fidel para conversar com funcionários do regime sobre como se deu a restauração do capitalismo no Leste Europeu.

Numa entrevista, Modrow comparou a situação cubana ao retorno do capitalismo no Leste Europeu: "exatamente o que está acontecendo agora [em Cuba] nós já experimentamos, já vivenciamos". Ele ainda disse que esteve com altos funcionários do Estado cubano – inclusive o ministro da economia José Luis Rodríguez - que o questionaram: "como vocês fizeram em 1989?".

A "via chinesa" é o caminho adotado pelo PC cubano para aprofundar a restauração. Na China, sob férrea ditadura do PC, os investimentos estrangeiros têm seu lucro garantido através da superexploração dos trabalhadores do país.

O imperialismo frente a Cuba

Com a saída de Fidel, o governo de Bush declarou que manterá o odioso bloqueio econômico, que aprofunda a miséria de Cuba e deve ser repudiado por todos.

Hoje os "gusanos" detêm um enorme poder econômico e político nos EUA. São parte da burguesia norte-americana, como proprietários de grandes empresas. Também têm uma grande importância eleitoral e financiam campanhas de candidatos democratas e republicanos. Nas últimas eleições presidenciais, o apoio dos "gusanos" a Bush foi fundamental para sua vitória. A poderosa burguesia exilada nos EUA só aceita relações com Cuba em base à recuperação do poder e de suas antigas propriedades. Os derrotados sonham em retomar suas riquezas. Isso explica por que o imperialismo mantém o bloqueio, enquanto adota uma postura diferente com o governo da China.

Mas o imperialismo europeu questiona cada vez mais o bloqueio norte-americano. Em 2005 a ONU condenou pela 14° vez consecutiva o bloqueio a Cuba. Essa posição foi ainda "abençoada" pelo papa João Paulo II, que em 1998 visitou a ilha. Na verdade, os representantes do capital europeu pressionam por uma maior abertura da economia cubana. Isso porque a restauração capitalista beneficiou, sobretudo, as multinacionais do velho continente. Exceto o Canadá, os países que mais investem em Cuba são Espanha, Itália, França e Inglaterra.

Muitos capitalistas norte-americanos não podem aproveitar as "oportunidades" da restauração, ficando atrás da burguesia européia. Por isso, importantes setores da burguesia dos EUA reivindicam o fim do bloqueio.

Confiamos no povo cubano

A renúncia de Fidel provocou reações imediatas entre representantes do imperialismo, que se utilizam da bandeira da "democratização" para pressionar por uma maior abertura da economia cubana.

Por outro lado, a saída de Fidel pode aumentar as diferenças entre as distintas alas do castrismo e também debilitar sua relação com as massas. Por isso, a transição é realizada com cautela para evitar os riscos de divisão interna e, essencialmente, assegurar o controle do movimento de massas.

Os ativistas honestos de todo o mundo, em particular da América Latina, precisam encarar a realidade. Para a população de Cuba, que sofre com a crescente miséria e a repressão, a esquerda latino-americana é aliada ao regime castrista. Qualquer explosão contra o regime pode ser capitalizada por organizações atreladas ao imperialismo, caso não exista uma oposição socialista ao regime e à restauração.

Por isso, defendemos o direito à livre organização de partidos e sindicatos em Cuba. Essa é única maneira de defender as conquistas da revolução e deter o processo de restauração capitalista na ilha. Sem uma alternativa de esquerda à direção castrista, qualquer explosão social contra o regime pode ser capitalizada pelo imperialismo, como foi o caso da ex-União Soviética. Defendemos também o fim das empresas mistas, a reestatização das que foram privatizadas e o retorno do monopólio sobre o comércio exterior, para que o Estado volte a controlar plenamente a economia.

Confiamos plenamente no povo cubano, que já mostrou inúmeras vezes a capacidade de lutar contra a burguesia e o imperialismo. Por isso, defendemos plenamente o direito de debater e decidir democraticamente o destino do país e a sucessão de Fidel.

ATO NACIONAL INICIA CAMPANHA CONTRA RETIRADA DE DIREITOS

MOBILIZAÇÃO em defesa dos metalúrgicos da GM denuncia flexibilização

LUCIANA CANDIDO,
do Portal do PSTU,*

Cerca de 300 pessoas estiveram no Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos e Região no dia 20 para o Ato Nacional contra a Redução de Direitos e Salários. A atividade teve como objetivo expandir a campanha contra o banco de horas proposto pela General Motors para a planta na cidade. Além disso, a campanha vai exigir a redução da jornada de trabalho sem a redução de salário, a fim de garantir empregos para os trabalhadores.

Coordenando a mesa estavam o presidente do sindicato, Adilson dos Santos, o Índio, e Ana Paula Rosa, da Intersindical. Vivaldo Moreira, diretor do sindicato e trabalhador da GM, explicou a proposta da empresa e relatou a ação dos trabalhadores desde que a montadora apresentou o banco de horas e a redução de salários.

A Conlutas, entidade à qual o sindicato é filiado, esteve representada por José Maria de Almeida, o Zé Maria. Em sua fala, ele ressaltou a importância de transformar essa campanha numa *"luta nacional e internacional de todas as trabalhadoras e todos os trabalhadores"*.

Também explicou que os ataques da GM se dão em outras unidades da fábrica, no Brasil e em outros países. *"É preciso globalizar essa luta de São José dos Campos contra o projeto da GM no mundo"*, afirmou. Zé Maria contextualizou os ataques da GM na atual conjuntura de ataques gerais aos trabalhadores, como os ataques aos direitos trabalhistas e à Previdência.

Ele alertou ainda que os empregos só foram levados para a unidade de São Caetano do Sul (SP) porque o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC aceitou o banco de horas e a redução de salários sem consultar os trabalhadores (veja abaixo).

Mané Melatto, representante da Intersindical, rebateu o argumento da GM e da burguesia local de que produzir em São José dos Campos trazia mais custos. A empresa se utiliza disso para ameaçar com a retirada da fábrica da cidade, o que provocaria milhares de demissões e uma quebra na economia local.

Ele também saudou o sentimento de unidade entre as várias categorias e entidades que estavam presentes. *"Nós vamos estar juntos com todos os que estejam dispostos a lutar e não aceitem nenhum tipo de redução"*, assegurou.

METALÚRGICOS NÃO CEDEM

Antes do ato nacional, aconteceu um protesto na portaria da GM. Cerca de 60 pessoas – diretores do sindicato, trabalhadores e ativistas de várias categorias – permaneceram em frente à principal entrada da fábrica durante a troca de turno, entregando um jornal unificado em defesa dos direitos e salários e falando aos trabalhadores. Os operários pararam em massa e ficaram atentos às falas.

SOLIDARIEDADE DE CLASSE

Das entidades presentes à manifestação surgiram inúmeros exemplos de ataques que se assemelham ao que os trabalhadores da GM estão sofrendo. Joaquim Aristeu, do Sindicato dos Trabalhadores na Alimentação, informou que na véspera mais de 30 operários da Ambev de Jacareí (SP) haviam sido demitidos e a empresa exigia a implantação do banco horas, ameaçando com mais demissões.

Sindicatos dos Vidreiros, dos Químicos, da Previdência, dos Metalúrgicos de Campinas e de Limeira, de Condutores, entre outros, também falaram em apoio aos operários da GM. Da mesma forma, representantes da ocupação Pinheirinho e da Central de Movimentos Populares colocaram seus problemas como parte de uma mesma luta contra os ataques dos ricos.

Por isso, os metalúrgicos da GM vão buscar uma ampla solidariedade de classe. A campanha se iniciará na região com a busca de apoio nas fábricas metalúrgicos. Em mais de 30 empresas os trabalhadores já aprovaram em assembléia a solidariedade à luta na GM.

Panfletagens já foram realizadas em outras unidades da GM – São Caetano do Sul e Gravataí (RS). Estão sendo programadas ainda panfletagens com os metalúrgicos de Taubaté (SP), São Paulo e ABC. O sindicato de São José dos Campos vai divulgar uma carta à população da cidade e da região do Vale do Paraíba explicando o que é o banco de horas e como é realmente a proposta dos patrões, e uma cartilha sobre reestruturação produtiva e o aumento nos lucros dos patrões.

SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL

O ato foi a largada para uma campanha nacional e internacional que poderá ultrapassar as fronteiras do Brasil e incomodar bastante a GM. O sindicato e a Conlutas já estão contatando os trabalhadores de Rosário, na Argentina, e organizam a ida de uma delegação para lá. Foram realizados contatos com a GM da Venezuela e uma viagem para o país já está agendada para abril. Também houve comunicação com os trabalhadores da empresa nos EUA, onde ela pretende demitir os cerca de 70 mil sindicalizados, contratando novos trabalhadores com a metade dos salários.

*colaborou Américo Gomes

GM TRANSFERE EMPREGOS PRECÁRIOS PARA SÃO CAETANO DO SUL

A General Motors e o Sindicato dos Metalúrgicos de São Caetano do Sul (SP) anunciaram no dia 20 a abertura de 600 novos empregos para a montadora da empresa na cidade. O projeto inclui a produção de 50 mil novos veículos, que estava inicialmente prevista para São José dos Campos (SP).

Com a demonstração de que o sindicato é parceiro dos patrões na redução de direitos, a GM decidiu implantar o projeto em São Caetano. A multinacional também anunciou que dentro de três meses vai apresentar uma nova proposta a São José dos Campos, com rebaixamento de direitos e salários. A GM já articula uma campanha entre os setores da elite da cidade a fim de acabar com a resistência dos metalúrgicos.

Em São José, a patronal, a Câmara, a prefeitura e a Igreja afirmam que faltou democracia, apesar de terem ocorrido três assembléias na GM. Exigem votação secreta e plebiscito entre a população. Mas é incrível que ninguém denuncie o acordo assinado entre o sindicato e a GM em São Caetano, que não foi submetido a nenhuma aprovação dos trabalhadores. Não houve assembléia e o sindicato aceitou a proposta em troca de meio prato de comida.

EMPREGO SIM! COM REDUÇÃO DE JORNADA, SEM REDUÇÃO DE SALÁRIO

A General Motors e os representantes dos patrões de São José dos Campos dizem que os operários são "egoístas", pois não querem reduzir um pouco seus direitos para dar emprego a quem não tem.

Os trabalhadores têm sim propostas para combater o desemprego: diminuir um pouco os lucros das empresas para aumentar o nível de emprego. Isso pode ser feito se todos que trabalharem tiverem redução da jornada de trabalho, sem redução dos salários.

Temos consciência de que essa é uma proposta que não vai solucionar o problema estrutural do desemprego no capitalismo, uma das chagas desse sistema. Para isso, é preciso ir além. É necessário que os trabalhadores lutem pelo socialismo.